

Cardoso confirma dólar com taxa unificada

O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, confirmou ontem que o Governo está estudando a unificação cambial, ao chegar ao seu gabinete, no início da tarde. "Está confirmado. O que eu falei está dito", afirmou Cardoso, referindo-se à entrevista concedida ontem de manhã a uma rádio paulista e a matéria publicada ontem por um jornal carioca.

A assessora especial do ministro, Ana Tavares, explicou, após o almoço, que ainda não existe nenhuma decisão formal em relação à unificação das taxas de câmbio comercial e turismo. Destacou que a medida será implantada ao longo de um processo gradual. Explicou que o ritmo de implementação desse processo será regulado em função do desempenho da economia e das reações do mercado.

Os assessores mais próximos de Cardoso passaram todo o dia de ontem reunidos. A princípio, a tradicional reunião de equipe das sextas-feiras seria dedicada exclusivamente à definição de novos cortes de despesas no Orçamento de 1993, como forma de cobrir a perda de receita acarretada pela suspensão da cobrança do Imposto Provisório sobre Movimentação Financeira (IPMF).

Mas a difusão da informação da unificação cambial levou o grupo

de assessores a dedicar parte do dia para discutir o assunto. A intensa movimentação do mercado financeiro provocada pela notícia de unificação acabou provocando a mudança na pauta da reunião.

Além de Cardoso e do secretário de Política Econômica, Winston Fritsch, estiveram reunidos o assessor especial Edmar Bacha, o secretário executivo do Ministério da Fazenda, Clóvis Carvalho, o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Pérsio Arida, e o diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Gustavo Franco.

Genérica — O diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, informou que o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, foi mal entendido nos comentários que fez sobre as decisões que serão tomadas pelo Governo na área do câmbio. "O ministro fez uma alusão genérica na direção da unificação do câmbio, não da sua liberação. A idéia é unificar o câmbio, não liberá-lo" — explicou o diretor.

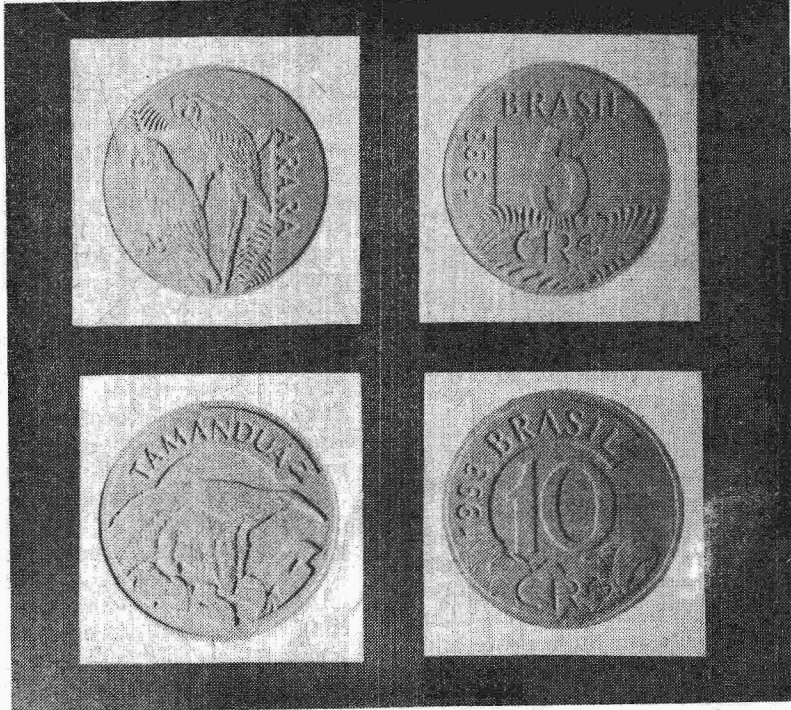
Segundo Gustavo Franco, a unificação do câmbio é uma idéia que vem avançando desde que o Governo instituiu as taxas flutuantes. Mas ressaltou que a medida ainda tem que ser aprofundada, contando, inclusive, com a cooperação do mercado.

BC lança moeda de CR\$ 10,00 na segunda

O Banco Central colocará em circulação, na próxima segunda-feira, as moedas de 5 e 10 cruzeiros reais. Até o final da semana que vem, será definido o lançamento da cédula de CR\$ 1.000,00, com a estampa do educador baiano Anísio Teixeira. A cédula de CR\$ 5.000,00 entrará em circulação até o final de outubro, inaugurando a fase de temas regionais com a figura do gaúcho.

Serão 100 milhões de unidades das primeiras moedas grafadas com o símbolo do cruzeiro real, o CR\$ "R" maiúsculo. A moeda de CR\$ 5,00, em aço inoxidável e 21 milímetro de diâmetro, traz duas araras e a inscrição "Brasil". A de CR\$ 10,00 tem ao centro a figura de um tamanduá, com o nome do animal, e é um pouco maior: tem 22 milímetros de diâmetro. Aprovadas pelo Conselho Monetário Nacional, no início do ano, como 5 mil e 10 mil cruzeiros antigos. O Banco Central atrasou o lan-

PAULO BARROS



Estas são as primeiras moedas grafadas em cruzeiro real

camento das moedas até a mudança do padrão monetário para cruzeiro real.

No início de outubro, o BC vai colocar em circulação as antigas cédulas de 100 e 50 mil, carimbadas com a inscrição 100 e 50 "cruzeiros reais". A cédula de

500 já está adaptada, com o carimbo. As demais cédulas e moedas, mesmo com o padrão antigo, continuam em circulação normal. Somente em Janeiro de 1994, o Banco Central definirá a necessidade ou não de substituição do dinheiro antigo.

Mercado aguarda a dolarização

São Paulo — O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, detonou com uma simples declaração tudo aquilo que negou durante sua gestão: que sua equipe não fará a dolarização da economia. Essa foi a interpretação do mercado financeiro em relação à autorização para o início do processo de unificação das taxas de câmbio, ou seja, a de que o Governo está sinalizando a adoção de um novo choque que tem como vigia mestra alguma forma de indexação dos preços da economia à variação do dólar. Assim, os cambistas do mercado paralelo suspenderam as operações, as ações negociadas nas bolsas de valores subiram quase nove por cento e o ágio entre o dólar flutuante e o dólar comercial caiu para cerca de 2,5 por cento.

Com essa reação no preço dos ativos, o mercado financeiro, na verdade, antecipou seu comportamento para a hipótese do Governo adotar um plano econômico incluindo a unificação do câmbio. A confusão foi ainda maior pela simultaneidade de outros fatores de impacto nos preços do dólar, como a saída de capitais estrangeiros que estavam aplicados nos fundos de commodities. Ontem, afinal, era o último dia de enquadramento para a proibição do Governo para que recursos estrangeiros continuassem aplicados nesses fundos. Por causa da necessidade de saída desses dólares, o Banco Central teve de realizar seguidos leilões de venda de dólar comercial para atender a demanda dos capitais

que estavam voltando para seus países de origem.

Pressão — Segundo Luiz Eduardo Assis, chefe do Departamento Econômico do Citibank, houve uma pressão forte no mercado de câmbio comercial por conta disso. "Em relação à unificação do câmbio, fica claro que esse é um desejo do Governo que vem de há muito tempo", afirma. "Na verdade, a declaração do ministro perturbou justamente por confundir, pois todo mundo sabe que unificar câmbio seria tornar a moeda livremente conversível como em países estáveis, e isso não tem chance de ocorrer no País".

Para José Berenger, diretor-financeiro do Ing Bank, trata-se de um grande mal-entendido. "A liberação do câmbio é um processo gradativo que vem sendo planejado desde a gestão de Mailson da Nóbrega, com a criação do mercado de taxas flutuantes", lembra. "Um dia, esse processo termina. E o conceito correto não é unificação do câmbio, mas interligação para os agentes financeiros poderem arbitrar os preços do segmento de câmbio comercial com o câmbio flutuante. Na verdade, o Governo não mediu o impacto que teria a declaração sobre o mercado".

Luiz Eduardo Assis acrescentou que o Brasil não apresenta condições de possuir um regime de câmbio livre total, com o fim do mercado paralelo de dólar.

Medida pressionará inflação

Se o Governo decidir criar uma taxa de câmbio única, haverá uma pequena pressão inflacionária, mas estará aberto o caminho para a adoção da âncora cambial. O câmbio único seria, na prática, uma minidesvalorização do cruzeiro real, já que é mais provável que o dólar comercial seja cotado no mesmo valor do dólar turismo, que está dez por cento mais alto. Os primeiros impactos seriam sentidos no aumento das exportações e na redução nas importações. O petróleo importado ficaria mais caro, pressionando o preço dos combustíveis.

Segundo um ex-assessor do Ministério da Fazenda, o câmbio único não teria maior impacto sobre os produtos importados

porque a nova taxa seria compensada com a redução das tarifas de importação, que vem sendo feita pelo Governo. "A existência de três taxas de câmbio só penaliza alguns setores da economia", constata o técnico. O exportador tem prejuízo porque o dólar comercial está defasado dez por cento em relação ao dólar turismo. O turista acaba pagando mais pelo dólar e poderá ser mais prejudicado se o Governo decidir unificar o câmbio pela taxa do dólar comercial.

De acordo com o ex-assessor, o mais importante do câmbio único é a sinalização para o futuro. "O Governo está preparando a âncora cambial", destaca a fonte.

Equipe fica desapontada

A declaração do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, anunciando a unificação das taxas de câmbio e a liberalização de compra e venda da moeda norte-americana deixou os principais membros da equipe econômica desapontados. Tratava-se de uma decisão política para ser mantida sob sigilo absoluto, em virtude do potencial de desagregação do mais delicado mercado de operações de uma economia — o cambial.

Pressionado por uma pergunta de uma jornalista que conhecia os antecedentes da decisão, Cardoso — apesar de sua reconhecida habilidade na convivência com armadilhas do gênero — tropeçou nas palavras, ao dar um ênfase excessivo à necessidade e conveniência da medida

no contexto de um programa de estabilização. O problema é que, como a medida é um evidente pré-requisito de dolarização, atingiu o mercado como um missil.

De acordo com um político com acesso aos assessores de Cardoso, a dificuldade de se ter no comando da economia um ministro inteligente, mas sem familiaridade com os fundamentos mais refinados da matéria, é que, para não demonstrar ignorância, ele fala mais do que o necessário. E, ocasionalmente, pode cometer uma indiscrição.

Nenhum funcionário do Governo com envolvimento direto na formulação do plano econômico conseguiu explicar qual o objetivo de Cardoso ao anunciar a unificação do câmbio, principalmente porque afetou as expectativas no mercado exportador do País. Os exportadores dependem diretamente do comportamento da política de câmbio, pois é daí que tiram sua renda.